

INTERVALO ANALÍTICO



"Curvam-se os homens à doçura dos dias #1"
Fotografia e escultura de Heleno Bernardi (2007)

MATÉRIA DA CAPA

Desamparo

"A Revista TRIEB escolheu 'desamparo' como tema para o seu próximo volume. Escolha motivada pela perplexidade diante de tudo que temos observado, lido, assistido e vivido nos últimos tempos."

Por Editores da Revista TRIEB
página 3

PSICANÁLISE & CIA

Pierre Bayard

"É esse ponto de indecibilidade que me interessa, ponto que encontramos na literatura, em que o leitor não tem qualquer obrigação de escolher entre as diferentes opiniões apresentadas pelos diversos personagens."

Por Tiago Franco
página 4

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Celmy de A. A. Quilelli Corrêa

"Foi desse meu primeiro encontro comigo mesma, algo sem palavras, que dizia de mim o não dito por mim, algo que, com o tempo, fui conceituar como inconsciente, que resultou toda a minha caminhada."

Por Mônica Aguiar
página 11

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Germano Almeida

"Ele conhece perfeitamente as características do seu povo insular..."

Por Anna-Maria Bittencourt
página 6

Para você, Celmy

Lúcia, por favor, sim.

Era assim que ela encerrava a conversa, quando pedia 10 coisas ao mesmo tempo. Eu poderia debater o quanto fosse, mas ela acreditava que eu funcionava na mesma velocidade que ela. Missão impossível. Sempre corria atrás de seus sonhos, que pude compartilhar como tesoureira, na sua gestão como presidente da SBPRJ. Um luxo! Momentos inesquecíveis. Celmy Quilelli Corrêa deixou-nos precocemente. Um vazio e silêncio que não combinam com a sua trajetória de vida. Mestre e companheira em muitas lutas, com sua inteligência ímpar, impetuosidade, vigor e amor pela Psicanálise encantou e abriu muitos caminhos com seu brilho. Publicamos uma pequena homenagem, na seção *Fazendo Parte da Nossa História*, reproduzindo uma entrevista no IA, de 2016, por Mônica Aguiar. Além do depoimento da presidente da SBPRJ, Wania Cidade, e das colegas Ruth Lerner Froimchuk, Maria Elisa Alvarenga, Adriana Lasalvia, Haydée Pina Rodrigues e Eloá Bittencourt. Celmy também sabia impulsionar os nossos sonhos. E como uma grande incentivadora da *Revista Calibán*, fortaleceu a publicação da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal, com o apoio fundamental para os lançamentos da revista, por três anos, no Rio de Janeiro, no Museu de Arte do Rio – MAR. Simpósios que eu coordenei por fazer parte da equipe editorial de *Calibán*. Outros momentos inesquecíveis promovidos por Celmy, que me colocou em contato com o diretor cultural do Museu, Paulo Herkenhoff, e toda a equipe que trabalhou nesses eventos. No seu

texto de abertura do Simpósio, em outubro de 2013, Celmy nos brindou com a sua paixão pela Psicanálise. Segue um pequeno trecho: *"A audácia dos editores em batizar nossa revista de Calibán, figura mítica monstruosa criada por Shakespeare na sua última peça 'A Tempestade', enraíza-se num movimento político de natureza ideológica dos idos do século XIX, quando alguns pensadores latino-americanos se utilizaram da figura de Calibán para expressar o conflito entre a civilização europeia que desprezava e desnaturalizava a cultura nativa e as raízes dessa mesma cultura... Na revolta do monstro Calibán, encontramos figurativamente expresso o conflito natureza X cultura, aproveitado para expressar a necessidade de fazermos ouvir nossa voz, nosso canto, diante da civilização que nos chegou canibalizando... Invocar Calibán para batizar uma revista editada por psicanalistas, que se pretende instrumento de comunicação com o social e a cultura, não deixa, portanto, de ser uma audaciosa aventura que reaviva a mensagem freudiana, tão revolucionária e tempestuosa quando se propõe a atravessar a subjetividade humana e sua expressividade através de todas as formas da cultura."* Seguindo neste diálogo entre a Psicanálise e a cultura, temos a matéria de capa deste número, sobre **Desamparo**, tema da próxima *Revista TRIEB* a ser lançada pela SBPRJ. Sentimento que invade a grande maioria dos membros da Sociedade com a ausência de Celmy, ao mesmo tempo que compartilhamos lembranças e usufruímos do seu legado em tantas frentes: diretora do

Instituto de Ensino da Sociedade, com aulas magistrais, diretora de Publicação, do Café Literário, presidente e psicanalista frequente das atividades da Sociedade. Sempre muito presente. A *Revista TRIEB* lançou anteriormente, entre outros números, *Narcisismo, Psicanálise em Extensão, Diálogos, Começos e Finais* e uma edição especial de 2017: *O Mar como fronteira – A Língua como ponte*. Nesta rica edição, com textos do *I Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa*, que aconteceu em Lisboa, em 2016, encontramos trabalhos sobre os temas *Violência, Memória, Identidade*. Uma rica experiência de analistas de língua portuguesa em um encontro fraterno entre colonizados e colonizador. Certamente, imperdível leitura. O segundo congresso acontecerá em novembro de 2018, em Cabo Verde, conforme nos conta Anna-Maria Bittencourt. A história da criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP – encontra-se no número *Português: Língua e Existência*. Celmy participava de todo esse movimento dos analistas da SBPRJ na luta pelo intercâmbio cultural e transmissão do saber psicanalítico. Não tenho mais palavras para expressar o que estou sentindo, apenas a saudade que me invade, desta mulher que era como a *tempestade*, que encharca a nossa alma com tanta emoção. *Para você, Celmy: o meu profundo agradecimento e reconhecimento, minha querida mestra e companheira.*

// Lúcia Palazzo
Editora

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Lúcia Maria de Almeida Palazzo

Colaboradores do Intervalo Analítico: Eloá Bittencourt Nóbrega, Marina Tavares, Mônica Aguiar, Luiz Fernando Gallego, Sandra Gonzaga e Silva, Tiago Franco, Samantha Nigri e Adriana Lasalvia

Secretária: Celyne Maués / Projeto Gráfico e Editoração: Fantastico Studio di Design / Revisão Ortográfica: Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2017-2018

Presidente: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade; Vice-Presidente: Viviane Frankenthal; 1º Secretária: Luciana Carvalho dos Santos; 2º Secretária: Eloá Bittencourt Nóbrega; 1º Tesoureira: Ângela Barbosa Moura; 2º Tesoureira: Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos / Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica: Fernanda de Medeiros Arruda Marinho (Diretora), Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Vice-Diretor), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / Conselho Científico: Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira (Diretora), Monica Maria Martins Aguiar (Secretária) / Conselho Profissional: Claudio Frankenthal (Diretor), Haydée Cortes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Maria de Fátima Lobo Amim (Diretora), Claudia Fonseca Bernardes (Secretária) / Departamento de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação: Sonia Bromberger (Diretora), Margaret Rose C. Waddington Binder (Secretária) / Departamento de Difusão da Formação Psicanalítica: Magda Rodrigues Costa (Diretora), Regina Wenkert (Secretária) / Site: Maria Lucia Moret de Carvalho



"O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais" (Freud, 1950 [1895]).

A Revista TRIEB escolheu *desamparo* como tema para o seu próximo volume. Escolha motivada pela perplexidade diante de tudo que temos observado, lido, assistido e vivido nos últimos tempos. A situação social/política/econômica, na qual todos nós estamos inevitavelmente inseridos, parece gritar o desamparo humano aos nossos sentidos. Em alguns de seus textos, Freud aborda a questão do desamparo, referindo-se à necessidade que tem o ser humano de um outro que lhe atenda e também o proteja dos estímulos internos e externos. No *Projeto para uma psicologia científica*, por exemplo, ele fala de como *"o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover"* a ação específica necessária para aplacar o desprazer vivido a partir dos estímulos (Freud, 1950 [1895], p. 370). O bebê precisa que a mãe o alimente e mitigue o sentimento de desprazer que a fome lhe causa. A partir dessa relação com a mãe, o indivíduo poderá desenvolver recursos para ele próprio atender algumas das suas necessidades e, por meio de uma relação de trocas, conquistar nos outros esse suporte. Portanto, o estado de desamparo pode ser considerado decisivo na estruturação do psiquismo.

O desamparo vivido de forma mais pungente na primeira infância acompanha o homem ao longo de toda a sua vida, sendo revivido especialmente em situações traumáticas, em que os estímulos se fazem excessivos para o aparelho psíquico. Nos textos *O futuro de uma Ilusão* e *O mal-estar na Civilização*, Freud argumenta que a religião e a cultura são criações humanas que buscam conter o desamparo inerente e presente em cada um de nós. A religião provê a humanidade de uma ilusão de cuidado e proteção por meio de um ser onipotente, tal como foram experimentados mães e pais na infância. A cultura seria uma maneira de conter os estímulos em níveis toleráveis à convivência humana, pois, para Freud, a civilização é também fonte de desprazer ao se colocar como impedimento para a satisfação dos impulsos individuais em nome do bem coletivo. O papel paradoxal da cultura que protege, mas, ao mesmo tempo, provoca o desprazer, remete à importância do equilíbrio das instituições culturais (sociais/políticas/econômicas) na relação com os indivíduos. Nos últimos anos, temos assistido, quase com a mesma perplexidade com que Freud viveu a guerra, a um grande desgaste das instituições construídas e desenvolvidas como recursos importantes para conter a experiência de desamparo.

Muito se fala na **Psicanálise sobre a clínica atual e os pacientes com dificuldades de simbolização, e a relação dessa clínica com experiências de trauma e desamparo. Traumas primitivos são causados por características inatas do indivíduo ou pela incapacidade do ambiente de suprir as necessidades do mesmo indivíduo (falha básica), o que os torna incapazes de tolerar as limitações que a realidade impõe. O não poder esperar, muitas vezes movido por um instinto de sobrevivência, leva esses indivíduos a procurarem satisfações imediatas para evitar um vazio ou angústias aterrorizantes (desamparo). Seria possível pensarmos também, de forma mais ampla, numa falha básica na civilização atual, que estaria impedindo os indivíduos de simbolizarem os códigos morais e éticos? A impressão que fica é a de que estamos vivendo tempos de instituições constituídas por pessoas que jamais conseguiram elaborar de forma satisfatória o desamparo inicial e são, portanto, intensamente e destrutivamente ávidas para serem atendidas nos seus desejos, contribuindo assim para um sentimento de desilusão e desamparo na população como um todo.**

Seremos capazes, como sociedade, de estruturar algo novo a partir desse sentimento generalizado de desamparo? Haverá transformação possível?

// Bernard Miodownik
// Karla Loyo
// Maria Noel Sertã
revistatrieb@sbprj.org.br



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

www.sbprj.org.br
Instagram: @sbprj_rj

Pierre Bayard

Pierre Bayard é professor de literatura francesa na Université Paris 8 e psicanalista. Autor de vários ensaios, entre os quais o mundialmente famoso *Como falar dos livros que não lemos?*, o único de seus livros publicado no Brasil.

Ainda “pode-se aplicar a literatura à Psicanálise” (título de um dos seus livros)? Desde a publicação desse livro, o que você pensa hoje em dia desse paradoxo?

Eu sou ainda mais partidário do que antes! É a única maneira da Psicanálise não ser um simples artefato. Os modelos freudiano e lacaniano são interessantes e fecundos – eu me refiro a eles frequentemente –, mas existem muitos outros, entre os quais aqueles propostos pelos pacientes e igualmente pela literatura e pela arte.

Existe tanto um modelo proustiano do psiquismo, ao qual correspondem certos sujeitos, quanto existe um modelo em Maupassant e outros na literatura medieval. Qual interesse em fazer passar todos os criadores na peneira de um modelo único?

Quais são as relações entre seus trabalhos literários e sua prática de psicanalista?

O diálogo é incessante entre essas duas práticas, que se alimentam uma da outra. A teoria das personalidades múltiplas, por exemplo, que eu estudo no meu último livro, *L'Enigme Tolstoïevski* (O enigma Tolstoïevski), me foi inspirada por pacientes, dos quais eu tinha a verdadeira impressão, de uma sessão a outra, que eles não eram a mesma pessoa.

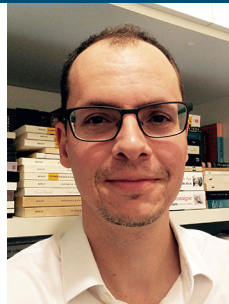
Qual é sua abordagem teórica na literatura e nas ciências humanas?

A corrente teórica que eu criei – e da qual sou o único membro após ter praticado um certo número de expurgos destinados a conservar sua pureza original – chama-se *crítica intervencionista*. Ela consiste diante das obras, ao contrário da crítica clássica que permane-

ce inativa – ou melhor, acredita permanecer inativa –, a intervir a fim de modificá-las.

Essas mudanças podem ser de diversos tipos, pois a crítica intervencionista se decompõe em diversos campos. *A crítica policial* (*Qui a tué Roger Ackroyd?*, *Quem matou Roger Ackroyd?*; *Enquête sur Hamlet*, *Inquérito sobre Hamlet*; *L'Affaire du chien des Baskerville*, *O caso do cão dos Baskerville*), por exemplo, consistem em retomar investigações literárias, mostrando que o detetive e até mesmo o autor enganaram-se sobre o nome do assassino. *A crítica de melhoramento* consiste na tentativa de melhorar as obras (*Comment améliorer les oeuvres ratées?*, *Como melhorar as obras que fracassaram?*) e até mesmo os autores (*Et si les oeuvres changeaient d'auteur?*, *E se as obras mudassem de autor?*). A crítica de antecipação (*Demain est écrit*, *Amanhã está escrito*; *Le plagiat par anticipation*, *O plágio por antecipação*; *Le Titanic fera naufrage*, *O Titanic irá naufragar*) reflete sobre a influência do futuro sobre o presente. A viagem através do tempo (*Aurais-je été résistant ou bourreau?*, *Eu teria sido resistente ou carrasco?*; *Aurais-je sauvé Geneviève Dixmer?*, *Eu teria salvo Geneviève Dixmer?*) utilizam a literatura para se transportar ao passado. Mas existem muitas outras maneiras de praticar a crítica intervencionista...

Refletindo sobre aquilo que as obras poderiam ser, é sobre nós mesmos que refletimos. Com efeito, o erro seria pensar que existe uma crítica que é intervencionista e uma outra que não é. Ora, todos fazemos crítica intervencionista quando lemos, imaginando, por exemplo, um outro desfecho ou uma outra intriga amorosa, modificando uma citação, sonhando com um dado personagem. Releia um livro que o tenha marcado e você verá como você o transformou intimamente. Estudar todas as modificações a que uma obra é passível de se submeter, a gama de possibilidades que a rodeiam, é então estudar o próprio funcionamento de nosso psiquismo em nossa relação às obras e ao mundo.



Você é um autor prolífico, que publica um livro novo a cada ano. Poderia nos falar algo sobre seu método de trabalho?

O sistema de planificação rigorosa que eu desenvolvi – inspirado nos Rougon-Macquart de Zola e no Gosplan soviético – me facilita muito as coisas, pois basta preencher, uma após a outra, as casas vazias dentro de um plano global cuidadosamente projetado e aplicado sem falhas.

Você criou um narrador paranoico que é onipresente em todos os seus livros. Como essa ideia lhe veio à mente? Poderia contar um pouco mais sobre esse narrador-personagem?

Ele é essencial, porque se situa no âmago do que eu chamo a ficção teórica, que é o braço armado da crítica intervencionista.

A ficção teórica visa reunir dois gêneros geralmente herméticos, a literatura e o ensaio em ciências humanas, propondo um narrador ficcional. Esse tipo de narrador é característico da literatura, e sabemos bem que aquele(a) que diz “eu” não é o autor(a). Ninguém confunde mais Proust e o narrador de *Em busca do tempo perdido* ou Nabokov e *Humbert Humbert*.

As coisas se passam de outra maneira nas ciências humanas, em que se admite como evidência que autor e narrador coincidem. Qualquer um ficaria surpreso em saber que Freud não acredita no inconsciente ou que Marx propôs a noção de “luta de classes” para se divertir!

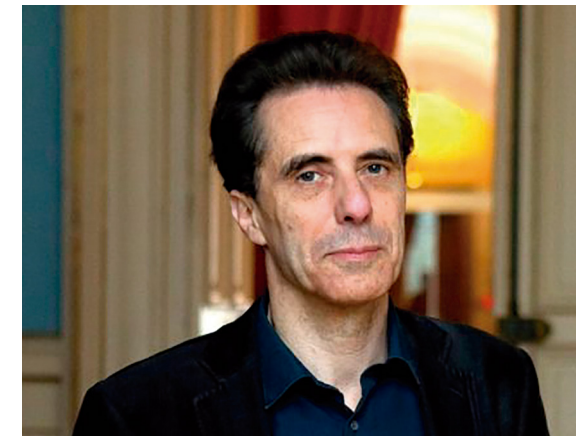
Se você coloca como sujeito da enunciação um narrador fictício, você produz um objeto desestabilizante, mas bem mais interessante porque polifônico. Numerosos leitores se deixaram enganar, acreditando sinceramente

que eu odiava a leitura (*Como falar dos livros que não lemos?*) – eu sou, ao contrário, um grande leitor – ou que eu nunca viajava por princípio (*Comment parler des lieux où l'on pas été?*, *Como falar dos lugares onde não estivemos?*) – logo eu, que adoro viajar. Na verdade, eles confundiram autor e narrador, o que eles não teriam feito se tivessem um romance nas mãos. Quando um narrador-personagem descreve os assassinatos que ele cometeu, os leitores demandam a sua prisão?

Esse narrador-fictício – e bastante paranoico de fato, ou ao menos muito desconfiado! – me permite explorar o interior das teorias virtuais, ou, melhor ainda, o próprio mecanismo da teoria, isto é, de nossa relação com o mundo. Porque tudo que ele conta não é falso, da mesma forma que o paranoico não se engana completamente. Quando explico em *Demain est écrit* (*Amanhã está escrito*) que sucede, às vezes, a escritores/escritoras narrar eventos que ainda estão por vir, eu não posso crer seriamente nessa teoria absurda. Mas, por outro lado, eu tenho tantos exemplos que validam essa teoria que não sei o que pensar... É esse ponto de indecibilidade que me interessa, ponto que encontramos na literatura, em que o leitor não tem qualquer obrigação de escolher entre as diferentes opiniões apresentadas pelos diversos personagens.

No seu último livro *L'Enigme Tolstoïevski* (O enigma Tolstoïevski) você pergunta: por que sou vários? Se Pierre Bayard fosse escrito por ele mesmo, como um personagem de um romance, quem seria, então, seu duplo?

Não meu duplo – por que me reduzir a dois? –, meus múltiplos! A teoria das personalidades



Pierre Bayard

múltiplas é a consequência lógica daquela dos universos paralelos (*Il existe d'autres mondes*, *Existem outros mundos*), que é o fundamento, em física quântica, da crítica intervencionista. De acordo com essa teoria muito séria e defendida por um certo número de físicos contemporâneos, nós existimos simultaneamente em múltiplos universos, dos quais alguns estão mais próximos de nós que outros e exercem seus efeitos sobre nós. Quer ver, existe um (e até mesmo um grande número) onde você me dá uma soma considerável de dinheiro por esta entrevista!

O que leva você a escrever? Falando de outra maneira, qual é o seu desejo enquanto escritor?

Eu ficaria tentado a lhe responder como Beckett: “Só sirvo pra isso!”.

// Tiago Franco

tiagofrancoh@gmail.com



VAI ACONTECER

JORNADA PREPARATÓRIA PARA O CONGRESSO FEBRAPS 2019 – O ESTRANHO
INconfidências

15 de setembro, às 9h

Local: Edifício Cidade do Leblon
Av. Ataulfo de Paiva, 135 – 18º andar

PSICANÁLISE & CINEMA

21 de setembro, às 19h

Debate sobre Henry James no Cinema (II), a partir do filme **O QUARTO VERDE**, de François Truffaut, baseado nos contos de James **ALTAR DOS MORTOS** e **A FERA NA SELVA**.

Debatedor: **Pedro Duarte**, professor de Filosofia da PUC-Rio

WORKING PARTY NA SBPRJ

19 e 20 de outubro

Coordenadores:

Elizabeth da Rocha Barros (São Paulo) e **José Carlos Calich** (Porto Alegre)

PSICANÁLISE & CINEMA

26 de outubro, às 19h

Debate sobre Henry James no Cinema (III), a partir de **A TAÇA DE OURO**, filme de James Ivory.

Debatedora convidada: **Marcela Oliveira**, professora de Filosofia da PUC-Rio e de Literatura em cursos livres

Coordenador: **Luiz Fernando Gallego**, psicanalista da SBPRJ

ENCONTRO CRIATIVIDADE, PSICANÁLISE E ARTE

08, 09 e 10 de novembro

REUNIÃO CIENTÍFICA SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

21 de novembro

PSICANÁLISE & CINEMA

30 de novembro, às 19h

Debate sobre Henry James no Cinema (IV), a partir de **TARDE DEMAIS**, de William Wyler. Debatedor: **Jurandir Freire Costa**, psicanalista, professor titular da UERJ e colaborador do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
Coordenador: **Luiz Fernando Gallego**

Mais informações no site www.sbprj.org.br

Germano Almeida, o contador de histórias

É com este epíteto que Germano Almeida, o escritor caboverdiano, gosta de se definir. Criado na ilha de Boa Vista, descobriu desde menino a alegria de escutar na língua crioula as histórias prazerosamente contadas pelos seus velhos habitantes. Emprenha sua escrita com esta saborosa cultura, mas também com o português castiço advindo da leitura de Eça, e dos muitos clássicos portugueses, resultando na vigorosa prosa que lhe fez merecer o Prêmio Camões, de 2018 – colocando-o ao lado de outros grandes, como Saramago, Mia

Couto e João Cabral. Disse-nos ele, na tentativa de resumir esta mestiçagem cultural da tradição oral e escrita: “*O crioulo é nossa língua, mas o português é o nosso instrumento... Na Boa Vista contavam histórias, oralmente. Eu aprendi a contá-las através da escrita*.” [1]

E Germano contou-as de tal modo que elas alçaram mundo, tornando as estórias e histórias locais – de Boa Vista, do Mindelo, de Cabo Verde, enfim – em literatura universal, como souberam tão bem fazer nossos preciosos Guimarães Rosa ou Manoel de Barros. Ele conhece perfeitamente as características do seu povo insular, com sua alma migrante, seus sonhos e frustrações, a sofrida guerra de independência e a posterior luta por um país democrático. Apresenta este universo no romance *O Meu Poeta* e, com ironia saborosa e corrosiva, marca registrada do escritor, denuncia a corrupção política e os desatinos do poder no período pós-independência, temas tão atuais aqui, do outro lado do Atlântico. A impiedosa crítica política, e dos costumes da sociedade mindelense, estará causticamente exposta em seu romance *O Testamento do Senhor Napomuceno*. Com humor fino e ironia, o autor descortina – a partir do fio central da narrativa, que é a leitura do testamento – a realidade reprimida da vida do Sr. Napomuceno, e também aquela que lhe corre paralela: a terrível realidade social de abusos de poder, de desigualdade de classes, de machismo, de hipocrisia e de repres-

são sexual imposta à sensualidade natural do povo caboverdiano.

A leitura daquele testamento – que mais é um livro de memórias – carregado de lembranças e lacunas propicia, tal qual um processo psicanalítico, a elaboração e a reconstrução da história de Cabo Verde e do seu povo, a do nosso autor, Germano, assim como a de seus personagens Napomuceno e Maria da Graça, sua filha. A premiação de Germano chegou justo no momento em que Brasil, Cabo Verde e Portugal organizam o IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, *Rotas da Escravidão*, em Mindelo, na ilha de São Vicente, palco das aventuras e desventuras do Sr. Napomuceno. E enquanto as acompanhamos, parece que, para nós, se vão abrindo os portões da cidade e passeando pela Praça da Estrela, pelo Alto Miramar, pelo pôr do sol na Baía das Gatas, vamos conhecendo uma cidade, uma ilha, um país que, por meio de amores, sofridas lutas e dores, transformou um entreposto de escravos, uma colônia, em um país livre, com esta riqueza e pujança que Germano Alves representa. Viva Germano! Viva Cabo Verde! Até novembro!

// **Anna-Maria Bittencourt**
annabittencourt@gmail.com

[1] 2015 (10 de novembro) – Entrevista ao Jornal Ponto Final, de Macau.



Pequena história de paralelismos entre o Cinema e a Psicanálise

12º capítulo: o Neorrealismo Italiano: Roberto Rossellini (1906-1977)

Um dos nomes mais importantes do Neorrealismo Italiano e um dos cineastas mais influentes dos anos 1950 em diante: a “*Nouvelle Vague*” francesa, o “Cinema Novo” brasileiro, o cinema iraniano, e mesmo diretores americanos, como Elia Kazan e Martin Scorsese, devem muito à sua obra. Foi seu pai quem abriu a primeira sala de exibições de filmes na Itália e Rossellini cresceu imerso em filmes desde a origem desta forma de arte – que amadureceu na Itália a ponto de ter influenciado D. W. Griffith, considerado o “pai da sintaxe cinematográfica”. Se entre as duas grandes guerras Hollywood iria influenciar o cinema mundial com filmes bem acabados em estúdios, logo após a Segunda Guerra, a Itália iria interferir novamente no modo de fazer filmes em todos os países: filmando nas ruas.

A chamada “Trilogia da Guerra” incluiu o primeiro filme antifascista de Rossellini (que, na verdade, começara a filmar durante o fascismo), *Roma, Cidade Aberta* (1945). Seguiram-se *Paisá* (1946) e *Alemanha, ano zero* (1948). Os roteiristas de *Roma, Cidade Aberta* chegaram a ser indicados a um Oscar, em 1947: dentre eles, o futuro grande diretor Federico Fellini. O Oscar também indicaria o roteiro de *Paisá*, em 1950. “Eu tento capturar a realidade, nada além disso”, dizia Rossellini, utilizando atores não-profissionais. Seu envolvimento com a atriz sueca de

sucesso em filmes americanos, Ingrid Bergman, iria mudar essa regra, ainda que em seu primeiro filme juntos, *Stromboli* (1950), ela interprete uma refugiada de guerra. Já *Europa '51* (1952) e *Viagem à Itália* (1954) reconduziam a atriz a papéis de mulheres de classe social mais elevada, com interessantes retratos psicológicos. No filme de 54, a abordagem de um casal em crise – talvez já dissesse como andava a união dos dois – não foi bem-sucedida comercialmente. Em *Europa '51*, atingiram o melhor patamar artístico dentre suas colaborações. Alguns críticos perceberam alusões à vida pessoal da atriz, que havia deixado uma filha do primeiro casamento nos Estados Unidos para ficar com o diretor italiano, em um dos maiores escândalos da época. No filme, a personagem dela é uma mulher da alta sociedade, sem muito tempo para o filho pequeno que vem a morrer num acidente mal esclarecido (suicídio?). Depois disso, ela se envolve com crianças e famílias pobres, até mesmo com prostitutas, deixando o marido riquíssimo indignado. Finalmente, ele a interna num hospício, enquanto os pobres a tomam como uma santa. Seu aspecto psicológico e socialmente provocativo não deixa de lado a fé católica que Rossellini sempre manteve, tendo feito filmes sobre São Francisco, Joana D’Arc e Agostinho.

Em 1959, surpreenderia ao filmar em estúdios *De Crápula a Herói*, tendo como ator o



Ingrid Bergman em *Europa '51* (1952)

também diretor de filmes neorrealistas Vittorio De Sica. O filme teve boa receptividade e vários prêmios em festivais, além de mais uma indicação ao Oscar de roteiro. Entretanto, outros filmes em esquemas de produção tradicional não tiveram sucesso. Desencantado com esse tipo de filme, passaria a filmar para a TV, novamente com uso de atores não-profissionais: sobre o Absolutismo (*A Tomada do Poder por Luís XIV*, 1966), o Renascimento, sobre filósofos (*Sócrates, Pascal, Agostinho, Descartes*) e santos católicos (*Atos dos Apóstolos*, 1969; *O Messias*, 1975).

// **Luiz Fernando Gallego**
luizgallego@gmail.com

FLIP E A OBSCENA SENHORA HH

Seria clichê dizer que a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) é um sonho, mas, assim como os sonhos, a FLIP tem um conteúdo manifesto e outro latente, uma programação oficial e outra paralela, uma cena que acontece no palco, sob os olhares curiosos dos espectadores e convidados, e outra, que se desenrola nos bastidores, nas vielas da cidade, nas festinhas VIPs promovidas pelas editoras, onde escritores e aspones disputam a última taça de espumante ou uma foto na Ilustrada da Folha de São Paulo. A escritora homenageada deste ano, Hilda Hilst, que passou com desenvoltura pela po-

esia, a prosa e o teatro, isolou-se em Campinas quando ainda era bela, mas não mais recatada e do lar. Na Casa do Sol, lugar que fez de retiro, enfrentou os grandes temas que atravessam sua escrita: o amor, o sexo, a morte, a finitude, aquilo que ela chamava de Deus – o Sem Nome, aquele Outro decantado surdo, o Interior Desejado. Por onde andaria a reclusa HH na cidadezinha agora alvoroçada?

Na grande cena do palco armado na Praça da Matriz, poetas, romancistas, contistas, historiadores e ensaístas reuniram-se com atrizes, cineastas, editores, compositores, fotógrafos e

muitos outros para fazer Paraty sonhar durante cinco dias seguidos. De múltiplas origens étnicas – marroquinos, congoleses, portugueses, italianos, franceses, ingleses, russos – os convidados internacionais juntaram-se aos brasileiros para expandir a literatura além de suas fronteiras, além das ruas com calçamento pé de moleque.

Enquanto os convidados se encontravam dia após dia ao redor das mesas-redondas para debater as dimensões mística-religiosa/corpórea-erótica/humano-animal que perpassam a obra de HH, uma outra Paraty sonhava – aque-

la dos amantes desesperados, dos bêbados proféticos, dos loucos solitários – como o pai da escritora, esquizofrênico, que pediu à filha que fizesse amor com ele; como o historiador inglês que tomou umas cachaças antes de subir ao palco para falar com lucidez que Trump, muito mais que Putin, sonha em ser o novo tsar; como o famoso psicanalista paulistano e sua mulher, que passava facilmente por filha, um Humbert Humbert atrás de sua Lolita.

Quando a festa chegava ao final, nossa anfitriã obscura enfim deu as caras. Na ribalta, vimos maravilhados as relações entre a poesia brasi-

leira e a portuguesa, a ficção que ficava entre o horror e a fantasia (a bela mediadora portuguesa Anabela Mota Ribeiro, que evocava Anna Livia Plurabelle, chamava mais atenção que a escritora russa que preferiu cantar *Bésame Mucho* a falar de seus contos impregnados de realismo-fantástico), a transgressão na arte e na literatura em particular (a leitura que a atriz Lara Jamra fez de *O caderno rosa de Lori Lamby*, absolutamente pornográfica em si, deixou a plateia boquiaberta), os tabus e interditos, a literatura de viés filosófico e existencial que tanto teria agradado à escritora.

Enquanto assistíamos a tudo isso distraídos, aquela que se queixava de que não era lida em vida, que se tornava velha, feia e esquecida a cada ano, ressurgia das sombras de Paraty mais linda e obscena do que nunca – como a personagem de Kim Novak em *Um corpo que cai*, filme que podia ter sido exibido no recém-inaugurado Cinema da Praça –, etérea e enigmática para nunca mais nos deixar. Então, de repente, acordamos.

// **Tiago Franco**
tiagofrancoh@gmail.com

Tão próximo e tão distante

O Sol na Cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018



Fiz um paralelo com o conceito de “sentir com”, de Ferenczi, sobre técnica: “De fato, quase poderíamos falar de uma oscilação perpétua entre ‘sentir com’ (*Einfühlung*), auto-observação e atividade de julgamento” FERENCZI, S. (1928/1988 p. 308). Deixamo-nos envolver com seus personagens enquanto nossos sentimentos afloram ao ler sobre um mundo que conhecemos de longe, e agora nos aproximamos.

O primeiro conto, *Rolezim*, começa assim: “Acordei tava ligado o maçarico!” Nada melhor para definir o calor que faz naquele lugar! A mudança de Geovani de Bangu para a comunidade do Vidigal consolidou nele o desejo de escrever suas vivências. São histórias de crianças e adolescentes vivendo. A ameaça é constante no cotidiano daquela população massacrada, que teima em se divertir e viver. Dói ver o tecido que constrói as identidades sendo rasgado, furado, com vazios impreenchíveis...

Geovani diz no conto *Espiral*: “é tudo muito próximo e muito distante”... Um menino da escola pública se dá conta, assustado, de que assusta os meninos da escola particular próxima à dele. Então, ele passa a assustar mesmo os transeuntes. “Constitui-se o par *ter medo* – *meter medo*, fazendo pensar na inversão da passividade em atividade, na repetição pela qual uma parte da experiência penosa é descarregada, e no aspecto de vingança imposta ao agressor...” (Lowenkron & Frankenthal, 2001).

No entanto, quão próximo também são seus sonhos, medos, desejos e frustrações. A difícil relação com o

pai em *Roleta-russa*, onde o ódio se mistura à admiração, onde o poder viril da arma tem novos significados na comunidade. *Primeiro dia* e *O caso da borboleta* nos trazem as lendas infantis de assombrações (quem não teve medo da “loira do banheiro”?) e as histórias de avó sobre perigos (pozinho da borboleta cega), se misturando com o desejo de crescer e ser respeitado na briga, assim como o desejo de salvar uma borboleta tão frágil e pequena, como a criança de 9 anos que tenta salvá-la...

Posso afirmar que o livro *O Sol na Cabeça* é um dos melhores que li sobre o assunto da vida nas comunidades. Geovani recebeu, surpreso, uma “Remington 22” de sua mãe, trazida da Feira de São Cristóvão. Agarrou-se a ela e traçou seu futuro com trabalho duro e talento.

Que bom seria se essa meninada das comunidades pudesse ter também um bom futuro...

Referências:

Ferenczi, S. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: Sándor Ferenczi *Escritos psicanalíticos. 1909-1933*. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988.

Lowenkron, A. M. & Frankenthal, V. O problema da avaliação diagnóstica em psicanálise de crianças. In: Roberto B. Graña, Angela B. S. Piva (organizadores). *A atualidade da psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

// Viviane Frankenthal
vivifrank2@gmail.com

Celmy: parte viva de nossa história!

As palavras me faltam... O coração palpita e penso que esta escassez tem a ver com o tanto que ela significava para mim, para nossa formação e para a Sociedade. Pessoa grande, no mais amplo sentido, de forte e fluidas palavras atravessadas pela vida intensa, pelos inúmeros e variados autores que leu, fosse de Psicanálise, de arte, romance, ou simplesmente de relatos.

Em seus últimos dias, mostrou-me um livro que lhe fora presenteado por Luiz Fernando Gallego e disse-me: “veja, Waninha, o que o

Gallego me trouxe, uma beleza, você precisa comprar, é ótimo para quem gosta de viajar, ‘o leitor como metáfora: o leitor, o viajante e a taça’, de Alberto Manguel”. Tinha o prazer, o entusiasmo e a paixão de nos transmitir aquilo que considerava essencial à vida. Era enriquecida pelos filmes que assistia, incessantemente, pelas óperas, peças, viagens e por tudo que lhe caía nos olhos ou nas mãos. Celmy era muito especial, tinha uma beleza enfeitada pelo seu jeito de ser, pela exuberância, que conjugava inteligência arrojada e gestos finos e tradicionais. Na defesa de suas

ideias ficava brava, brigava, mas com ternura se desculpava e era capaz de começar tudo outra vez. Mestre querida, amiga sincera, diretora e presidente audaciosa... Ela está viva em nós, viverá em nós, continuará naqueles em quem semeou o amor pela Psicanálise. A sua marca atravessará os tempos enquanto seus filhos, netos, amigos, alunos e analisandos estiverem por aqui.

Saudade... Obrigada!

// Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Diffícil expressar em palavras a perplexidade diante da súbita ausência de Celmy em nossas vidas.

Celmy era imortal em sua exuberância, garra, vivacidade, projetos para uma vida longa e profícua. Família longeva, poderia fazer uma conta generosa: noventa... e quantos? Não vislumbava deixar por menos!

Sua lucidez, amor pela vida, vibração pela família, davam-nos a garantia de uma continuidade de vida, nunca de uma inesperada despedida. Preocupação com seus excessos, cuidados com a saúde, tínhamos nós. Muito mais do que Celmy, jamais sujeita a curvar-se diante de imposições ou restrições a seu livre arbítrio sobre as próprias decisões e vontades. Éramos MUITO amigos, “verdadeiros amigos” – assim ciosamente (para não despertar muitos ciúmes) nos chamávamos em um grupo de WhatsApp em que compartilhávamos nossas vidas, nossas alegrias, tristezas, raivas, indignações. Tínhamos muito em comum, ao longo de uma extensa vida de entrelaçamentos íntimos e familiares.

Fomos colegas de turma desde a Faculdade de Medicina, quando um grupo corajoso de psicólogas resolveu enfrentar o vestibular de Medicina, para adequar-se às exigências da época e tornar-se psicanalista. Celmy estava grávida do Beto (seu terceiro filho)

e, imaginem, enfrentou esse duro vestibular com sucesso e, em seguida, todo o curso médico, ao mesmo tempo em que clinicava como psicóloga e já tinha dois filhos: Arnolfo e Isabela.

Já se desenhava aí o perfil dessa mulher ousada e determinada a enfrentar os desafios para cumprir seus sonhos, apaixonada pela vida, pelo marido Roberto e pelo seu trabalho.

Convivi com toda essa família, vi-os crescer, tendo que passar pelo crivo dessa mãe e avó superamorosa e dedicada, mas exigente, implacável em suas cobranças de conquistas e sucesso. E posso dizer que foi bem sucedida na construção de uma família tão especial, que muito orgulho lhe trouxe.

Todos nós, na verdade, conhecemos essa Celmy que, ao assumir a liderança em nossa Instituição, desencadeou um clima de “mostrar a que veio”, colocando todo mundo para pensar, trabalhar, produzir!

Na ocasião, gerou reações e sentimentos persecutórios e, entre nós, amigos, preocupação com as repercussões em sua saúde, pois indignava-se por não ser compreendida em seu legítimo empenho de provocar mudanças, desfazer letargias. Mas Celmy insistiu... E conseguiu! E estamos colhendo esses frutos. Deixou um legado inestimável de propostas e iniciativas para tornar a nossa Sociedade mais vital, democrática e atraente, com vistas a seu crescimento interno e expansão.

Tendo sobrevivido a todas as intempéries (e como tememos por ela!), devido a seu perfil de guerreira incansável, Celmy se revitalizou. Como responsável pelo curso de Técnica, porta de entrada da Formação Psicanalítica, foi imprimindo seu estilo e conquistando novas gerações de alunos com seu profundo conhecimento psicanalítico e vasta cultura.

Muitos daqueles que antes a temeram passaram a nutrir-se dessa fonte inesgotável de experiências e estímulo à produção científica e ao crescimento pessoal, transmitidos com rigor, mas com amor e amizade.

Diante da dor de sua perda, temos a prova da marca profunda que deixou em todos nós: uma verdadeira “tsunami” de manifestações de amor, admiração e gratidão pelo seu legado. Legado esse que é preciso preservar e desenvolver.

Celmy deixará muitas saudades de sua presença viva e inteligente em todas as frentes onde se manifestava.

Eu, pessoalmente, já estou sentindo falta de sentar na primeira fila do auditório, do seu lado, sentindo o contato com seu corpo macio e aconchegante, às vezes o toque de uma mão delicada e, muitas vezes, a fala estimulante: “fala, Ruthinha, diga alguma coisa!”.

// Ruth Lerner Froimitchuk

Celmy era uma mulher intensa, de muitos afetos. Muitos amores, com certeza, pelos netos, filhos, pela literatura, música, por Roberto e pela Psicanálise, que se refletia na Brasileira.

Seu rosto se iluminava, seu sorriso acolhedor surgia quando falávamos desenvolvendo uma ideia de um dos temas da Psicanálise. "Vamos, vamos", ela dizia, para que continuássemos. Celmy tinha um jeito de ser muito próprio para marcar a importância de temas psicanalíticos, como também para dar "bronca", quando deslizávamos para fora do conceito, em erro. Um jeito muito dela para tudo, moderna e atual, nos recebia com seu laptop

Inteligente, aguerrida, polêmica, culta, apaixonada, generosa, independente, crítica, criativa e autêntica. Estes são alguns dos adjetivos facilmente encontráveis no repertório do jeito Celmy de ser.

Corajosa, diante de situações institucionais delicadas, recusava as soluções fáceis se estas lhes pareciam insuficientes. Sua postura crítica e combativa às vezes criava desafetos mas ainda assim, o silêncio e a omissão não lhe pareciam uma opção possível. Celmy era muitas e única. Apostamos que deste caldeirão poderia sair uma rica experiência de supervisão. Bingo! Fazer supervisão com ela foi uma experiência e tanto, um aprendizado. E se escolhemos, como um recorte, falar desta experiência é porque nela a personalidade calei-

pronta para o trabalho, mas sem deixar que os sabores e os aromas da boa mesa ficassem de fora durante as reuniões do curso de Técnica. Usava muito bem a tecnologia, como uma jovem que acabara de conquistar um mundo desconhecido – aprendi algumas com ela. Como uma jovem, impulsiva, às vezes com dúvidas, mas experiente como era, sabia que o tempo podia lhe trazer reflexão. Celmy era criativa, inteligente e culta, levava para os seminários seus vídeos de música clássica, trechos de peças de Shakespeare e seus comentários vinham de sua vasta experiência clínica. Observava Celmy, porque sabia que tinha muito o que aprender em suas danças e ges-

tos na vida e como psicanalista, que ela gostava de contar. Eram como seus lindos azulejos acima do sofá, que a beleza estava sobre o contraste dos intervalos, da madeira escura, que, muitas vezes, eu brincava rodando-os, imaginando-os formando outros desenhos. Agradeço a ela pelo telefonema para me convidar para ser colaboradora do curso de Técnica, com o "conto com você" que ela me disse. Esse fio que nos ligou abriu um leque de trocas afetivas e sobre a Psicanálise, que nos conduziu nesse tempo que estivemos juntas. Obrigada, Celmy!

// Eloá Bittencourt

doscópica de Celmy se apresentava com todas as cores. Celmy nos exigia o nosso máximo. Não fazia concessões. Seu interesse pelo "o nosso caso" era genuíno e às vezes desmensurado. Se tinha um *insight* ela nos ligava para comunicá-lo, podendo estar num salão de cabelereiro ou nós, na rua. Para ela, isso não tinha a menor importância. A nova ideia precisava ser compartilhada, esperar a próxima semana lhe parecia tempo demais. A psicanálise praticada por Celmy era de alguém livre, descolada de dogmas, artificialismos e hipocrisias. O conhecimento teórico consistente, a enorme experiência clínica e a sua imensa capacidade criativa faziam de Celmy uma psicanalista genial. Celmy queria ensinar, queria transmitir seus conhecimentos - a publicação de um livro

estava nos seus horizontes - e não economizava em compartilhar conosco a sua clínica, com seus êxitos e fracassos. Como uma apaixonada que era, Celmy queria nos dar o mundo e nos deu o seu, com supervisões longas, a disponibilidade dos finais de semana quando necessário, e sempre recheadas de histórias, filmes, livros, viagens, arte, as suas lembranças, o amor pelo Roberto e o amor pela família. Quando éramos nós a lhe apresentar um texto, mostrava-se vivamente receptiva e curiosa, queria aprender. Sua curiosidade intelectual era reveladora da sua juventude de espírito, de seu amor pela vida e pela psicanálise. Celmy era a própria vida.

Celmy, você abriu caminhos, foi peça fundamental na engrenagem institucional e na formação de muitos de nós. Você nos deixa como legado a paixão pela vida, pelos estudos, a liberdade de pensar e a prática de uma psicanálise criativa irredutível às formulações. Sua juventude nos fez lembrar uma frase de Clarice Lispector, "a juventude é como diamantes ao sol, e diamantes são eternos". Fique com o nosso amor, a nossa gratidão e a nossa imensa saudade. Por aqui, vamos nos virando inventando a sua presença. Mil beijos.

// Adriana Lasalvia
// Haydée Pina Rodrigues
// Maria Elisa Alvarenga



1



2



3



4

1. Celmy com Eloá Bittencourt

2. Celmy com Wania Cidade

3. Celmy com Maria Elisa Alvarenga (à esquerda), Adriana Lasalvia e Haydée Pina Rodrigues (à direita)

4. Celmy com Ruth Lerner Froimitchuk



Celmy de A. A. Quilelli Corrêa

entrevistada por Mônica Aguiar

Como você conheceu a Psicanálise?

Falar do meu encontro com a Psicanálise é coisa de muitos anos atrás: 64 anos, para ser mais precisa. Foi quando, numa aula de psicologia educacional, na aplicação de um teste projetivo, o professor delineou meu perfil de personalidade usando pequenos cubos coloridos. Diante daquelas leves apreciações sobre minha subjetividade, perguntei-lhe onde se estudava aquilo, porque decididamente era tudo que eu queria conhecer e saber. Foi desse meu primeiro encontro comigo mesma, algo sem palavras, que dizia de mim o não dito por mim, algo que, com o tempo, fui conceituar como inconsciente, que resultou toda a minha caminhada.

De lá para cá, a busca incessante: o curso de Psicologia, que me obrigava a atravessar a cidade para encontrar na PUC-Rio um universo cultural diferente e um conhecimento acadêmico altamente sofisticado. Foi lá que tive notícias da Psicanálise e, desse tempo em diante, busquei o divã.

Várias etapas, vários encontros, transformações de mim mesma, até encontrar-me com o novo obstáculo. O curso de Psicologia não seria suficiente para habilitar a formação psicanalítica.

Eram os idos de 1966. Face à diversidade, restava-me a opção de praticar na clandestinidade da época ou enfrentar um ano de vestibular para o curso de Medicina. Mais sete anos de trabalhos.

E mais análise.

Tal como Jacó:

"Sete anos de pastor Jacob servia Labão, pai de Raquel, serrana bela; Mas não servia o pai, servia a ela, e a ela só por prêmio pretendia." (Camões)

A serrana bela à qual dediquei minha vida não se chamava Raquel, era a Psicanálise.

E a Psicanálise, por força da identificação com os meus analistas da época, só poderia encontrar na Brasileira. Aqui, reencontraria os amigos queridos e minhas fontes de supervisões clínicas. Não apenas isso: considere-se que era na "Brasileira" onde se encontravam os autores mais conhecidos nos Congressos

e nas publicações do início dos anos 70. A *soi disant* "verdadeira Psicanálise"...

Tempos muito diferentes daqueles de hoje em que nossa Instituição é considerada conservadora e inflexível. Circunstâncias externas, de grande transformação social, muito contribuíram para esse estigma e não são suficientemente arroladas na complexidade do problema. E assim, todo um movimento de abertura institucional e de liberalização ocorrida aqui na SBPRJ, "nossa revolução de 82", foi considerado fruto da pressão mercadológica socialmente ocorrida, movimento centrípeto, de **fora para dentro**, de assujeitamento às leis do mercado.

“Diante daquelas leves apreciações sobre minha subjetividade, perguntei-lhe onde se estudava aquilo porque decididamente era tudo que eu queria conhecer e saber.”

Conte-nos sobre sua participação nas mudanças recentes da formação psicanalítica na SBPRJ e de que maneira acredita que ela melhorará.

Fico realmente muito feliz por ter participado e mesmo promovido esse movimento de transformações na formação psicanalítica de nossa Instituição. Mas as mudanças conquistadas recentemente não surgiram como uma epifania. Foram gestadas desde os anos 80, por iniciativas de mentes progressistas e liberais e em consonância com a evolução teórico-clínica da Psicanálise, sensíveis aos ventos franceses que nos chegavam, que promoveram as primeiras

mudanças na formação psicanalítica. As sementes ficaram um tanto adormecidas para melhor germinação e pudemos resgatá-las agora. "O tempora! O mores!"

Pensar esses novos tempos desperta esperanças. Mas que não haja ilusão, pois que estamos lidando com instituições sociais e sua labiríntica mobilidade. É bom lembrar que o termo "instituição", para além de fazer alusão à ação e ao efeito de instituir (fundar, dar começo, erigir) algo, é uma coisa instituída, isto é, estabelecida ou fundada. São estruturas ou mecanismos de ordem social que regem os indivíduos, sistemas em que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não os possuem. Como quer Foucault, a pesquisa deve ser sobre a forma como o poder é exercido, ou seja, **o como do poder**. Sendo assim, a **ideia de melhora** deve ficar no espectro de um raciocínio cético, uma vez que as ondulações do poder são flagrantes pontuais de transformações que se sucedem por meio de algumas brechas em suas redes. Se levarmos a sério a concepção de que as instituições, e os sujeitos dela constituintes, são fortemente imbricados com os tempos e a cultura dos tempos, teremos que nos acostumar com as idas e vindas, a ouvir o ranger das velhas engrenagens, a sentir as dores das artroses institucionais abaladas. Vivemos flagrantes pontuais de transformações que foram se sucedendo e que devemos cuidar.

Como vê o futuro da formação psicanalítica de uma maneira geral?

Essa é uma questão que nem sei responder propriamente.

Enquanto doutrina, sei que a Psicanálise chegou para ficar. É negável seu poder de transformação na cultura do século XX, em que atravessou quase todos os saberes e fez interface com outros tantos. Também sua forte presença na universidade tem que ser considerada e acredito mesmo que nesse campo ainda deve permanecer e ampliar sua atuação. No entanto, a experiência psicanalítica só se transmite "no divã", numa aventura íntima e pessoal e, na minha opinião, é a única

continua na próxima página

continuação da página anterior

coisa que nos institui profundamente como psicanalistas. Agora, formações há várias, cada qual com suas características, com uma oferta de profissionais variados e, portanto, uma variação de experiências subjetivantes. Acho que a formação psicanalítica instituída é muito favorável a uma integração do

conhecimento teórico, técnico e clínico e, apesar de propor-me constantemente um pensamento crítico sobre as condições institucionais, aposto favoravelmente no conflito inescapável entre a liberdade e a autonomia do sujeito psicanalista e o envoltório institucional, muitas vezes inflexível.

Que pontos considera fortes na SBPRJ, a ponto de determinarem a escolha dessa Instituição por parte de novos alunos?

Agora vai ficar ainda mais difícil a resposta. Como expor e convencer alguém que gosto mais de vermelho ou verde, que meu time é o maior, que minha mãe é mais bonita e meu pai mais forte? São escolhas afetivas e profundamente enraizadas, como ficam evidentes nas associações expostas. São transferências. E por mais que se disfarcem de transferências em extensão, para autores, trabalhos, política institucional, deve-se sempre considerar essa vertente. Mas vou tentar objetivar alguns critérios. Por meio de um longo percurso profissional, pude visitar inúmeras instituições de ensino psicanalítico e com muito proveito. Mesmo reconhecendo que as comparações também pecam pela parcialidade afetiva, observei que a SBPRJ tenta oferecer em seu currículo um estudo sobre autores tradicionais e contemporâneos variados, articulando-os com o estudo da técnica, e assim promovendo uma solidez dos conceitos. Há um diferencial em nosso Instituto de Formação que merece destaque: nos dois primeiros anos de formação, os candidatos frequentam o curso de Observação da Relação Mãe-Bebê, que produz certamente um efeito transformador para a concepção das relações primárias de objeto. Depois dos dois primeiros anos básicos, há a possibilidade de frequentar seminários clínicos e acompanhar dois processos clínicos em supervisão com diferentes supervisores. Essa amálgama de experiências teórico-clínicas extremamente enriquecedora muitas vezes fez pensar aos de fora que haveria uma fragilidade no pensamento teórico de nossos constituintes.

Atualmente, pela grande abertura promovida por nosso atual Conselho, temos convidado psicanalistas representantes de variadas correntes institucionais, que verdadeiramente se surpreendem com a vitalidade de nossos debates. Tudo muito bom.

Por tudo isso, e provavelmente muito mais que escapa ao escopo desta entrevista, informo das portas e janelas abertas da SBPRJ, onde ventila a liberdade de pensar e o amor pela Psicanálise.

E, lembrando ainda Camões, se tempo houvesse, afirmo:

*"Começou a servir outros sete anos,
Dizendo: Mais servira, se não fora,
Para tão longo amor, tão curta a vida."*



Celmy de A. A. Quilelli Corrêa

foto: Flávia Palazzo